

# REVISTUM

annus I  
numerus II  
aestatis



# EDITORIAL

Velaquí o segundo. Un parrulo, un cisne que imaxinábamos cando eramos cativos. Que imaxinamos aínda agora, cando nos vestimos de infancia.

E chega o Revistum co verán, cos froitos da terra. Porque o tempo cheira a vacacións. Porque nós estamos a carón da praia, e miramos por riba dos piñeiros. Xogando coas palabras.

Revistum, máis cubo ca nunca, coma aqueles de xeo que se desfán en calquera refresco.

A todos os que nos esperan dicímoslle que non teñen que esperar máis. Xa estamos aquí, coma as notas de fin de curso, con sorrisos e bágoas, cun verán de mar ou de montaña, con luz e sombras,...

Neste segundo, acollemos menos historia pero máis persoas, porque falamos máis, porque somos máis... preguntamos e responden. Pedimos imaxes, debuxos,... Neste proxecto somos todos os que estamos, pero non estamos, aínda, todos os que somos.

*Vámonos co tempo  
máis aló da mar oceána  
para facernos máis nós  
para facérmonos.*

Coma diría o poeta.

Lois Cea

## sumario

### 3. Plegatum

#### Verbum

4 e 5. Uma aventura pela comunicação  
6 e 7. Trotaverbum. Mensaxes baixo

segredo

8. Entrevista a Clara Rodríguez, monitora do planeta da igualdade. Proxecto Conta con elas

#### Activitatis

9. Exposición Andy Warhol. Desde la Gran Manzana

10, 11 e 12. Entrevista a Salvador

Corroto. Comisario exposición Andy Warhol

13. O mundo do rol

#### Collaborare

14 e 15. Cómic. Juan Enseñat

16 e 17. Entrevista a Ángel Llanos, fotógrafo vigués

18 e 19. **Vigo: distrito cultural**

**Director:** Lois Cea

**Coord. Seccións:** Raquel Noriega, Noelia Candal, Cristina González, Susana Lemos, Ismael Arias, Nieves Álvarez, Raquel Rodríguez, M<sup>a</sup> Luisa Rodríguez, Natalia López e María Ángeles Otero.

**Colaboradores:** Cláudia Da Costa, Clara Rodríguez, Marta Escarpellini, Salvador Corroto, Ramón Filgueira, Juan Enseñat, Ángel Llanos.

**Fotografía:**

Portada e Contraportada: Javier Albertos

**Maquetación:** Sinatura

**Imprenta:** Gráficas Luar

**Dep. Legal:**

equipo redacción



# PLEGATUM

FIGURA 1.

Tes o Revistum nas túas mans.  
Abréoo.  
As páxinas deberán quedar así...  
(vale, do 10 ó 14, do revés).

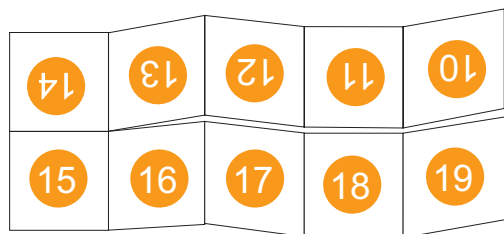


FIGURA 2.

Levanta o lado de enriba, e comeza a plegar,  
ata que a páxina 10 (invertida), fiquese sobre a  
14 (invertida tamén).

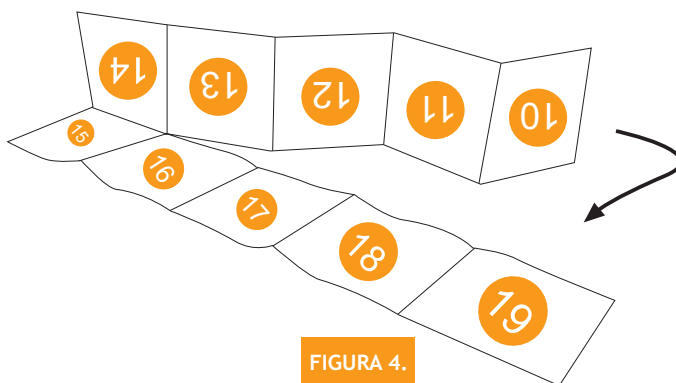


FIGURA 3.

Xa tes unha parte plegada, un  
cubo aberto. Agora, plega o outro  
lado, ata que cubra...

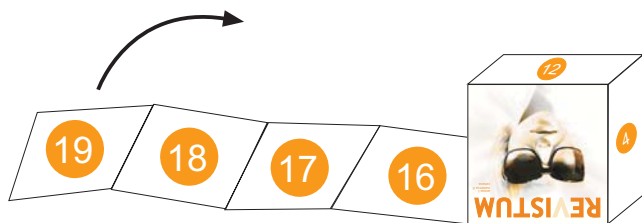
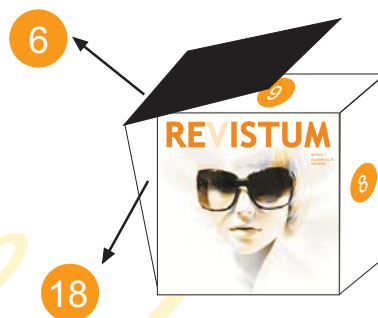


FIGURA 4.

Xa o tes plegado,  
agora, dalle a volta!



# VERBUM

## UMA AVENTURA PELA COMUNICAÇÃO

Aquilo que mais me encanta na web é a sua capacidade de nos fazer transportar para realidades distantes e de nos inspirar a partir do desconhecido. Aproximava-se o final do ano de 2006 e eu já deveria ter escolhido o tema para o meu trabalho da disciplina de Pragmática da Comunicação, do Mestrado em Ciências da Comunicação - Informação e Jornalismo que me encontro a frequentar na Universidade do Minho, em Braga. Todavia, escasseava-me a inspiração, vivia numa luta constante para descobrir o “meu” fenómeno comunicativo. Numa das minhas incursões pela web “entrei” acidentalmente no Verbum - Casa das Palabras. Das curtas linhas que definiam o museu pude perceber que o espaço que acabava de desvendar se focava na palavra e na comunicação humana. Um museu dedicado à comunicação? A minha pergunta não deixava de me inquietar. Questionava-me quem se teria lembrado de expor num espaço algo tão elementar como a comunicação humana, mas igualmente de complexa definição. A minha primeira pergunta desencadeava novas interrogações e aguçava-me a curiosidade. O que mais me inspirava era conseguir perceber como é que um museu dedicado à comunicação humana era capaz de comunicar com o seu público. Tinha finalmente encontrado o meu objecto de estudo. Só restava partir à sua descoberta...



As visitas ao Verbum - Casa das Palabras permitiram-me desvendar um espaço onde o carácter multifacetado da comunicação ia sendo (re)criado mediante a abordagem de uma multiplicidade de temáticas. Percebi que o conceito desta casa virtual das palavras não se focava tanto numa tentativa de definir a comunicação humana. Interessava-me, sobretudo, proporcionar aos visitantes uma experiência comunicativa, mostrar-lhes onde e quando acontece a comunicação. Definia-se, essencialmente, como um espaço cultural, lúdico e divulgativo onde cada um podia participar de um modo activo na exposição. O trabalho que elaborei para a disciplina de Pragmática da Comunicação pretendia precisamente colocar um duplo enfoque na concepção de museu, entendido enquanto instituição cultural e educativa, mas também como meio de comunicação. O jogo foi a ferramenta encontrada pelo Verbum - Casa das Palabras para interagir com o seu público, abordando de forma lúdica a temática da comunicação. Todavia, muito além do divertimento, o lúdico tem sido usado como veículo de aprendizagem, ao dinamizar o conhecimento através de uma linguagem acessível e estimulante. Uma dinâmica conseguida mediante o recurso a três ferramentas: o design da exposição, os dispositivos tecnológicos e os suportes interactivos. O desenho expositivo do museu adquire

# VERBUM

## UMA AVENTURA PELA COMUNICAÇÃO

relevância ao funcionar como elemento integrador dos visitantes no espaço. Concebido como uma espécie de tabuleiro de dados, o design da exposição, consegue persuadir e motivar o visitante a experimentar. Lançados num labirinto de cubos sentimo-nos regressados à infância, onde os jogos preenchem o nosso imaginário. Contudo, esta integração do público na exposição fica favorecida se ocorrer de forma sensorial, se convocar todos os sentidos na aquisição de conhecimentos. A introdução no museu de meios comunicativos alternativos aos elementos meramente expositivos tem facilitado este processo. Utilizando uma linguagem apelativa e familiar, os mecanismos audiovisuais e informáticos permitem, simultaneamente, reforçar o poder discursivo da exposição e tornar mais fácil a transmissão de mensagens. Além disso, a interactividade dos elementos expositivos, como os jogos e os programas informáticos, proporcionam uma vivência lúdica dos processos de apreensão do conhecimento. Ao convocar uma participação activa dos seus visitantes, ao propiciar a interacção, o museu vê ainda melhorada a sua capacidade comunicativa. Esta busca da interactividade dos

suportes utilizados na exposição enquadra-se no objectivo primordial do Verbum - Casa das Palabras: oferecer aos seus visitantes um museu auto-visitável, um espaço onde cada um se assume como o protagonista da sua própria descoberta. O resultado é um museu onde cada visitante pode experimentar por si mesmo, onde cada um é ao mesmo tempo emissor e receptor, mantendo-se assim um diálogo permanente entre o público e os elementos expositivos. É esta interacção constante que possibilita ao Verbum - Casa das Palabras manter-se vivo e assumir-se como um espaço que se vai nutrindo da presença e participação activa do seu público. É esta panóplia de recursos e dispositivos que o transformam num espaço simultaneamente museu e meio de comunicação, mas sobretudo num meio híbrido de comunicação.

CLÁUDIA DA COSTA

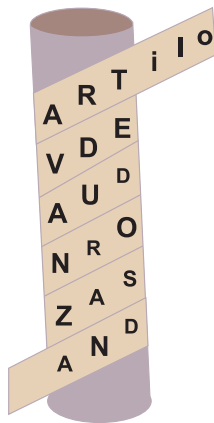


# TROTAVERBUM

## MENSAXES BAIXO SEGREDO

Continuando a viaxe iniciada no noso primeiro número, queremos presentarvos dous cubos adicados á comunicación oculta baixo mensaxes secretas. A través dos cubos E e X poderemos adentrarnos no misterioso mundo da CRIPTOGRAFÍA.

O termo criptografía provén das palabras gregas “criptos” (oculto, secreto) e “grafos” (escritura). Enténdese por criptografía o estudo e práctica dos sistemas de cifrado destinados a ocultar o contido das mensaxes enviadas entre dúas partes: emisor e receptor.

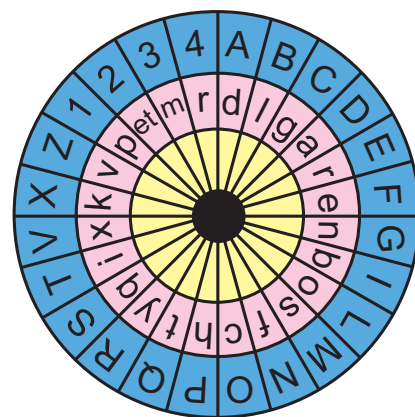


A arte da criptografía é tan antiga coma a propia escritura, xa se usaba polos exipcios hai catro mil anos. Pero o primeiro caso claro do uso destes métodos criptográficos encontrámolo na guerra entre Esparta e Atenas. Para iso utilizaban un rodete especial chamado escítala. ¿En que consistía? A escítala era un rodete no cal se enrolaba en espiral unha tira de coiro. A tira desenrolada mostraba un texto sin senso, pero que se podía ler volvendo a enrolar a tira sobre un rodete do mesmo diámetro e lonxitude que o primeiro.

Tamén na época dos romanos utilizouse o Cifrado César, un sinxelo método que consistía en substituír cada letra por una situada tres lugares máis adiante no abecedario, A= D, B=E, etc.

Pero para moitos o pai da criptografía foi León Battista Alberti (S.XV) que creou unha roda de descifrar. Podemos considerala a primeira máquina criptográfica. Componse de dous discos: interior e exterior. No disco externo hai escritos números e letras, no interno os signos cifrados. Para crear una clave hai que facer coincidir a letra M con outra preestablecida do disco interior: M=t, M=o, etc.

Desa forma, hai que transcribir a palabra letra a letra.



Se s = M, descifra a palabra dolryib coa axuda da roda.

Ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX os reis e as cortes europeas mostraron un claro interese pola criptografía e non é de estrañar xa que estes se movían nun mundo de intriga, traizóns e secretos de estado pondo ao seu servizo estes métodos para conseguir así os seus obxectivos políticos militares, etc. Así encontrámonos a Carlos I, Felipe II e incluso Napoleón quen os utilizou.

Pero o máximo desenvolvemento de criptografía encontrámolo no século XX coa aparición da máquina ENIGMA. Esta máquina foi utilizada polos alemáns durante a Segunda Guerra Mundial para ocultar as súas mensaxes. A principios de 1939 en Inglaterra, houbo un grupo de criptógrafos, especialistas en diversas materias, que se reunían nunha mansión chamada Bletchley Park para conseguir as claves de descifrado. Aínda tendo a máquina, conseguida grazas aos polacos, no seu poder as combinacións eran infinitas pero ademais era imprescindible a clave de comenzo e esta era cambiada polos alemáns a diario. Finalmente conseguírono e isto axudou sen dúbida a adiantar o fin da guerra.

# TROTAVERBUM

## MENSAXES BAIXO SEGREDO

Pero o labor destes criptógrafos non se de a coñecer ata finais dos sesenta. Xa logo nos setenta houbo unha desclasificación de documentos. Entón puideron poñer nomes os heroes.



Esta máquina foi levada ao cine nalgunha ocasión; unha das películas máis coñecidas foi a que leva o seu nome “Enigma”. Outros casos relacionados co mundo dos criptogramas foron levados á gran pantalla como a recentemente estreada “Zodiac”.

Tamén no mundo da literatura, novelas, etc tomamos contacto cos axentes secretos e co traballo dos criptoanalistas. Argumentos como o de 007 ideado por Ian Fleming (que traballou para a intelixencia naval británica) teñen unha temática similar como acontece na novela titulada “Desde Rusia con amor”.

No Verbum propoñémoste un xogo deductivo: durante todo o percorrido do museo presentaranse mensaxes cifradas en diferentes formas. O visitante terá que deduci-la solución e apuntala nun papel. Durante a visita encontrarase distintas cartelas con diferentes propostas da adiviñación. No módulo X atoparase as solucións das mensaxes.



Esperámoste no Verbum e aquí deixámosche un pequeno adianto:

“E osodud euq o orenex onamuh ergol raerc un amgine euq o omsem oñexne onamuh non avloser” (garde nalla eop).

M<sup>a</sup> CRISTINA GONZÁLEZ LARRIBA  
SUSANA LEMOS ÁLVAREZ

# VERBUM

## ENTREVISTA A CLARA RODRIGUEZ, MONITORA DO PLANETA DA IGUALDADE

1ª Que é o que chama máis a atención aos nenos e nenas dos cubos de Conta con Elas?

2ª Cales son as reaccións máis frecuentes das nenas e dos nenos?

3ª Como ves a iniciativa de Conta con Elas e o Planeta da Igualdade?

4ª Cres que está a ter un impacto na educación dos nenos e nenas?

5ª Tes algunha anécdota dalgún rapaz ou rapaza que visitara os cubos?

1º. O que chama máis a atención dos cubos de Conta con Elas é o xogo das ferramentas. No xogo deben identificar a quen corresponden os obxectos que van caendo na pantalla; a homes, mulleres ou ámbolos dous. A maior parte das nenas e os nenos cren que os traballos que requiren forza física non son para facer elas. É curioso xa que botan a rir cando lles falas dunha muller albanela ou camioneira. Os que coñecen algunha situación das anteriores reaccionan e confirman ao resto que si é posible porque eles o viron ou saben dalgunha muller camioneira, albanela ou obreira. Unha vez que entenden que tódalas ferramentas son neutras sempre cun sorriso argúmentanme que esa non é a realidade e non cren que sexa posible que cheguen a existir tantas albanelas como albanel. Os cursos da ESO ou Bacharelato son os que ven máis difícil o cambio.

2ª. Reaccións máis frecuentes: Os nenos e as nenas máis pequenos escoitan, xogan e cren comprender que son todos iguais pero canto maiores son, as reaccións de sorpresa crecen e case sempre rin ao ver as imaxes de igualdade. Ás nenas gústalles moito a imaxe da mecánica arranzando unha moto, chámalles a atención e o comentan entre elas. Tamén algúns nenos e nenas comentan ás veces que non é habitual ver ao pai xogando cos fillos e isto si que é unha sorpresa para min.

3ª. Non hai dúbida de que aínda queda moito que traballar se queremos acadar a igualdade de xénero e o Planeta da Igualdade amósase coma un graniño de area para chegar ao obxectivo final. É ben certo que a educación é primordial para lograr a igualdade e esta iniciativa aínda que só sexa por uns minutos fai pensar ao alumnado, recapacitar e asumir que o cambio está nel. Danse conta dos seus prexuízos e daqueles valores impostos pola sociedade que teñen que

mudar se queremos acadar unha convivencia máis xusta e igualitaria. Ás veces estaría ben contar con máis tempo e con máis recursos lúdicos para atender a grupos moi numerosos, imaxínome a posibilidade de ter máis módulos e moitos máis xogos adaptados aos diferentes niveis, hai moito por facer e hai que pensar as máis novidosas estratexias para chegar aos nenos e ás nenas.

4º. Causa impacto dende o primeiro momento que lles chama a atención. Sobre todo nenas e nenos de infantil non tocan estes temas na escola e quedan abraizados e desconcertados ao ver que nenas e nenos poden facer e ser o que desexen independentemente do seu xénero. A magoa é non poder ter unha continuidade na escola e sobre todo nas súas casas, estaría ben que os pais e nais tamén participaran na iniciativa dalgunha maneira. Moitas veces as nenas e nenos fan comentarios das situacións de desigualdade coas que conviven e é abraiante o que queda para acadar o noso Planeta da Igualdade.

5ª. Nos obradoiros sucédense anécdotas tódolos días, o outro día un neno de 8 anos foise moi descontento do Planeta da Igualdade porque estaba convencido de que este Planeta está ben e non quería que nada mudara. Non viu ben que os homes pasaran o ferro e non houbo maneira de que lle gustara un pouco a nosa iniciativa.

Outro neno de 12 anos díxome que era imposible contratar a un home para facer as tarefas do fogar ou coidar aos nenos, todo xurdiu tras xogar ao xogo das ferramentas, Segundo o neno a aspiradora é unha ferramenta de mulleres de "toda a vida". Os rapaces son os que máis reparos lles poñen ao Planeta da Igualdade porque cren que lles prexudica en vez de beneficiarlles que é o que queremos transmitirles. Outra anécdota recorrente é que sempre que ven algunha imaxe de igualdade comentan que o home está a axudar a muller, e insisto moito en que colaboran ambos nas tarefas do fogar porque é tarefa de ambos pero esqueceno ao minuto e volven dicir "axuda" unha e outra vez.

Para rematar gustárame dicir que os debates que xorden son moi interesantes, falan de paridade, de responsabilidade, de xustiza, de engadir valor ao Planeta e de moitísimos temas que ás veces non teñen espazo para ser tratados, nin na escola, nin na casa nin na rúa.

PROXECTO CONTA CON ELAS

# ACTIVITATIS

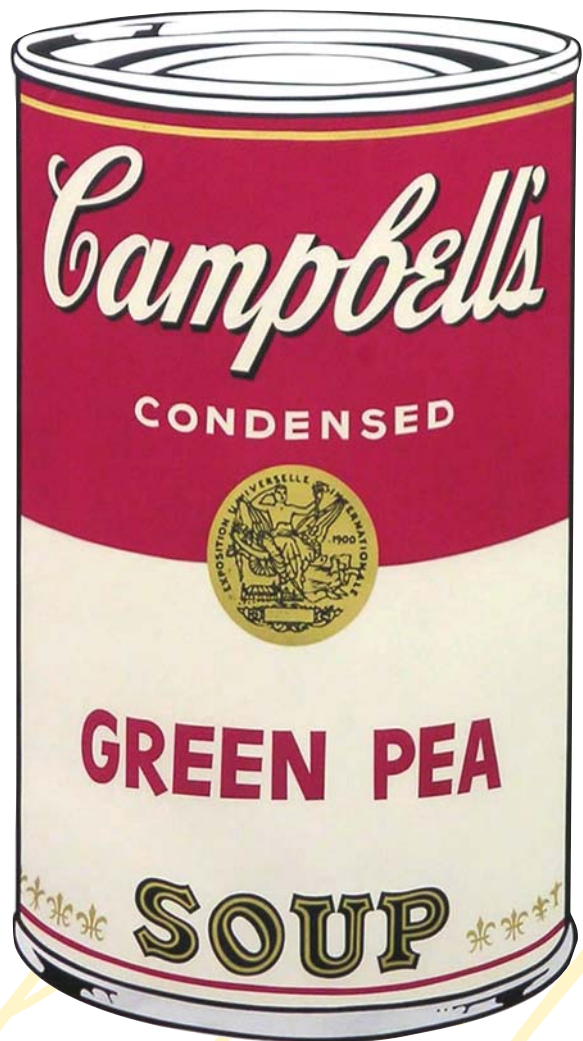
## EXPOSICIÓN ANDY WARHOL. DESDE LA GRAN MANZANA

Cuando Andy Warhol (1928 - 1987) inaugura en la calle 47 de Nueva York The Factory, el arte contemporáneo inaugura también una nueva etapa creativa. Nace de su mano una concepción de la pintura como producto de serie y multidisciplinar. Lo eran ya otras bellas artes, como la música, la danza o la arquitectura; y es el turno entonces de la plasmación gráfica. Warhol logra en esta fase de su carrera artística crear un microcosmos snob, vanguardista, cultural, provocador y desde luego imprescindible para comprender el porqué NY es, en la segunda mitad del siglo XX, el polo de la cultura occidental; una marca registrada como lo puedan ser Campbell, Cadillac o la mismísima Marilyn.

Esta es posiblemente la mayor contribución de este emigrante checoslovaco a la pintura contemporánea. Y es paradójico que su figura rotundamente elitista y clasista, rotundamente heterodoxo, produzca una obra vulgarizada, divulgada y repetida hasta la saciedad; expuesta en copias baratas y vulgares en todos los rincones del mundo.

Nace Warhol desde el mundo del diseño gráfico y de la ilustración; está muy cerca de un proceso de Comunicación más que de un proceso de Creación. En este sentido, la influencia de su amigo Truman Capote, también creador de una nueva corriente del periodismo contemporáneo, es más que significativa. Y para este proceso comunicador, recurre a técnicas que nada tienen que ver con el trabajo individual del pintor. La serigrafía es al fin y al cabo una evolución de la imprenta de Gutenberg que permite reproducir hasta el infinito la obra plástica. Y Warhol es un dominador nato de esta técnica que aplica al diseño gráfico o el retrato. Crea todo un espacio de exploración entre la pintura y la fotografía, a la vez que experimenta también con la cinematografía, en una vastísima producción de más de 70 películas. The Factory no es más que la ubicación de todo este trabajo en distintas disciplinas y a través de distintos personajes, como en un mecenazgo renacentista. Hoy, sin Warhol, Nueva York es un poco más aburrida, un poco más paleta.

MARTA ESCARPELLINI. FERIA PURO ARTE



# ACTIVITATIS

## ENTREVISTA A SALVADOR CORROTO. COMISARIO EXPOSICIÓN ANDY WARHOL

### Salvador Corroto: Paixón pola arte

Salvador Corroto é un dos principais axentes culturais da nosa Comunidade. Polo seu centro de arte teñen pasado grandes figuras da vangarda galega e nacional e dende ese mesmo centro estanse levando a cabo importantes comisariados e xestionando grandes exposicións coma a dedicada a The Factory da que podemos gozar estes días no Verbum. Salvador recíbennos no Centro de Arte Atlántica de A Coruña, nun despacho rodeado de grandes firmas de artistas, pero en poucos minutos co seu carácter amable e cordial fai que nos sintamos coma na casa. Aténdennos co interese e a paixón que só os grandes profesionais mostran polo seu traballo.

**Verbum:** Como e cando comeza o seu interese pola arte?

**Salvador Corroto:** El mundo del arte para mí es como un hobby; no mi trabajo. Trabajo en algo muy distinto, una actividad muy técnica que no tiene nada que ver con el arte. Sin duda el arte me ha dado ese complemento que siempre he necesitado al salir del trabajo, me ha dado alas, me ha permitido tener todos los días gran optimismo y ver que el mundo merece la pena. He empezado en esto como hobby y se ha convertido en una auténtica pasión.

**V:** Dirixe vostede o Centro Atlántica dende hai máis de 14 anos pero, cal era a súa relación co mundo da arte ata entón?

**SC:** Atlántica lleva abierta más de 14 años pero con Menchu Tudela y yo al frente sí, desde hace 14 años. Pero tanto mi mujer como yo hemos estado siempre muy cercanos al mundo artístico. Ya sus padres eran coleccionistas y los míos también estaban muy interesados por ese mundo dentro de unas mínimas posibilidades económicas. Recuerdo que con ocho años mi pasión era estar siempre dibujando y cuando llegué a tener más conocimiento rompí absolutamente todo lo que había hecho porque le doy un valor inmenso a lo que

hacen los artistas. El mundo del arte es algo muy serio y siempre tuve mucho respeto a la seriedad que el arte representa.

**V:** Na actualidade compaxina o seu traballo como galerista co de comisario e coleccionista, é algo que sempre vai unido?

**SC:** Son tres cosas que están totalmente relacionadas. Pero sobre todo creo que se necesita el coleccionismo. Es algo que hay que potenciar muchísimo porque no tiene nada que ver con el dinero o al menos no en la proporción que muchas veces se quiere dar a entender, el coleccionismo es algo que te va llegando y lo vas sintiendo. En el fondo algo coleccionistas somos todos, empiezas de niño con los cromos, con las estampitas, con las canicas, después cada uno va coleccionando cosas de lo más variopintas. Me parece muy importante de todos modos que el coleccionismo se haga cada vez más sensato, en base a la valoración del trabajo de los demás, ese respeto inmenso hacia el trabajo de los artistas. Ese coleccionismo siempre nos va a abrir la mente hacia un estado en el que cuanto más conocimiento más libertad. Se puede coleccionar perfectamente sin grandes contribuciones económicas. Lo que sí que es imprescindible es una inmensa dedicación y una inmensa admiración al mundo del arte. Como se dice constantemente el arte no se entiende, el arte se siente. Cuando un cuadro te hace vibrar, te emociona, es algo tan hermoso... esa conexión con lo que ha querido transmitir otra persona y que tu mente ha conseguido interpretar... todo eso te eleva a otro nivel, es algo es muy emocionante.

**V:** Sen embargo parece que coleccionismo e difusión non van sempre todo o ligados que deberían. Son os coleccionistas pouco dados a mostrar a súa colección?

**SC:** No entiendo ese empeño en que la colección esté tapada, creo que las colecciones al final terminan siendo públicas.

# ACTIVITATIS

## ENTREVISTA A SALVADOR CORROTO. COMISARIO EXPOSICIÓN ANDY WARHOL

Normalmente una generación las acumula, otra las disfruta y la tercera las cede o las vende de forma que acaban en museos e instituciones. Lo que sí que es necesario es ser muy serio. Todo el mundo debería de fijarse unos criterios que validen su importancia, no en base a criterios económicos sino a gustos. Mi hijo más pequeño con seis años ya admiraba piezas de artistas y ahora tiene una colección de piezas que habían despertado su interés de pequeño. A los niños hay que llevarles a que vean exposiciones. Poquito a poco los vas metiendo hasta que lleguen a admirar el arte. Pero si a los niños no les acostumbras pues entonces... Pediría de verdad a los padres que se tienen que comprometer muchísimo con el arte. Yo así lo he hecho con mis hijos. Recuerdo que mi hija con nueve años jugaba a los galeristas. Creo que la imaginación hay que desarrollarla en los niños igual que se le desarrolla con el fútbol, ¿por qué no con el arte! Cuando se habla de coleccionismo y se habla de dinero me pone realmente nervioso.

**V:** Nese sentido estamos a facer un importante labor cos obradoiros didácticos no Verbum e en especial cos que facemos xirar entorno á exposición de The Factory. Fálenos un pouco desta exposición.

**SC:** Esta es una exposición a la que le tenemos un cariño muy muy especial. Hay piezas muy interesantes y que han sido muy difíciles de conseguir. Hay obras muy sobresalientes como la pieza clave que es la silla eléctrica que como verás está reproducida en muchas obras y se ha convertido en un gran alegato en contra de la pena de muerte. Tener esto y que se haya quedado en España es importantísimo. Nos emociona que el esfuerzo que hemos realizado para reunir esta colección se esté pudiendo admirar en muchísimos sitios. Constantemente nos la están pidiendo para llevársela fuera, y es una tentación, pero yo quiero que se quede aquí porque le tengo un cariño muy especial. Es una colección que ha costado mucho trabajo, mucho esfuerzo y muchas gestiones. Atlántica representa toda la gestión de esta

exposición. La idea es que su sede central sea Galicia.

**V:** Neste momento a exposición atópase nun centro didáctico dedicado á comunicación, é a arte un elemento de comunicación?

**SC:** El arte es una herramienta de comunicación impresionante. Y en especial la Factory fue ese medio de comunicación efectivo, real, auténtico... El tiempo ha demostrado cómo a través de la gente y de obras Pop que en su momento fueron consideradas menores el movimiento acabó convirtiéndose en algo realmente impactante y ha cambiado gran parte del mundo de la comunicación. En este momento cada vez que ves una Marylin te acuerdas más de Warhol que de Marylin, eso es difusión, comunicación vital. Hemos hecho una selección de entre todas las obras de la colección para dar a entender cómo era el mundo de la Factory y sus artistas. Vuelvo a insistir en la importancia de que se haya ubicado en un lugar dedicado a la comunicación que unas veces es de palabra pero otras es visual.

**V:** Como xorde o seu interese por Warhol?

**SC:** Es un icono que nos apasiona a muchos. A mí me interesa como figura para estudiarla desde su faceta como comunicador nato, un comunicador auténticamente de masas, cómo en este momento ha conseguido que sea uno de los autores de los que se hable más, sus obras se repiten constantemente. A mí su forma de comunicar siempre me ha parecido realmente sorprendente y además Warhol es mucho más que esa difusión del prototipo americano, él utilizando la libertad de América se ha convertido en un personaje que nos hace llegar un carácter universal que ha llegado a todo el mundo. Para mí es un elemento de paz. Otra cosa es todo lo que le rodeaba y que siempre se ha destacado de forma sesgada de su vida, su relación con las drogas y el ambiente que le rodeaba. Pero esa visión sesgada

# ACTIVITATIS

## ENTREVISTA A SALVADOR CORROTO. COMISARIO EXPOSICIÓN ANDY WARHOL

hay que dejarla y en la actualidad se está produciendo una depuración de su obra, dejando abajo las miserias y elevando su verdadero espíritu que nos ha dejado un estado de libertad y entusiasmo, como una bandera a muchos sentidos, un estado de libertad en el que debe de vivir uno y que es maravilloso.

**V:** Ademais da Exposición de The Factory está a traballar vostede noutras montaxes, fálenos un pouco delas.

**SC:** Estamos a punto de presentar una muy importante exposición sobre el mundo Bereber, sobre el hombre libre que representan los bereberes, la mayor exposición que se ha hecho en España con esta temática. También en este momento están circulando dos exposiciones de arte africano muy importantes. Tenemos también en estos momentos tres exposiciones de escultura y pintura actual de Galicia, de obra gráfica internacional y de obra gráfica gallega. Estamos trabajando con un grupo de exposiciones muy interesantes. Mi objeto y mi pasión que es que todo este legado pueda llegar al mayor número de pueblos y ciudades, que llegue el conocimiento a todas partes. El arte debe de llegar hasta los pueblos más pequeños. A mí me llena de satisfacción que la gente pueda verlo, me emociona de verdad que cada vez que haces exposiciones sean visitadas y para ello han de ser difundidas. Y es una oportunidad poder ver cosas cerca para las que hace poco teníamos que desplazarnos fuera.

**V:** O seu centro e outros galegos están a xestionar grandes exposicións dentro e fóra de Galicia, outras entidades están traendo exposicións que son referente a nivel nacional, aquí traballan grandes comisarios e artistas do panorama internacional, ábrense novas salas de arte... podemos falar dunha época dourada para o sector cultural en Galicia?

**SC:** Pienso que sí, sin duda. En Galicia hay mucho por hacer y en este momento hay que irle dando bastante prioridad

al mundo del arte. La cultura es lo que hace libre a los pueblos. La cultura es importantísima. Mi verdadera pasión es que el conocimiento llegue a todos los niveles. No es cuestión de atraer solamente las más importantes exposiciones, que es vital, si no que en todos los sitios haya opción a algo. Es muy necesario sobre todo que las administraciones pequeñas también vean esa necesidad. En ese sentido me enfada mucho que se diga que en España se lee poco, pero ¿cómo se fomenta la lectura? ¿en estas elecciones se ha hablado de lectura, nos han incitado a leer? Lo mismo pasa con el disfrute y la difusión del arte. Se me cae la cara de vergüenza.

Este es el momento de que los políticos comiencen a trabajar en sus nuevos cargos también desde una perspectiva cultural: déme cultura, hágame más libre, hágame que piense... mientras eso no sea así me parece que nos están traicionando. En todas las exposiciones hay algo que mostrar. No se necesita tanto dinero sino buenos programadores. Hay una gran oferta de exposiciones muy buenas y asequibles que convulsionarían el panorama artístico. Pero sólo preocupan las exposiciones que suenen mucho aunque no valgan nada.



ISMAEL ARIAS MELÓN  
NOELIA CANDAL SUÁREZ

# ACTIVITATIS

## O MUNDO DO ROL

Lonxe queda xa aquela época na que falar de xogos de rol era sinónimo de asasinatos, suicidios e demais. Levou tempo, pero ó final, os afeccionados destes xogos logramos convencer á sociedade de que un xogo de rol non é máis que outra forma máis de lecer, san, entretida e estimulante. Xa fai tempo que dende o Ministerio se informa ó público de que os xogos de rol son beneficiosos para as tarefas educativas, suxerindo a súa inclusión como método de ensinanza. Máis recentemente, eventos multitudinarios do xogo “Vampiro” en Vigo e Santiago, “Aquellarre” durante a Feira Franca de Pontevedra e o xa famoso evento Irmandiños: A revolta, apoiado pola propia Xunta de Galicia fan eco da popularidade que están a gañar os xogos de rol e da boa aceptación que teñen na sociedade. Agora, con este evento coído que si estamos a dar un punto de inflexión moi importante a nivel nacional, xa que por primeira vez o rol chega a un museo. Evidentemente o rol e o museo da comunicación deben ir da man, xa que o rol baséase na interpretación e no diálogo.

Cando xogamos unha partida de rol, o xogador interpreta a un personaxe de ficción, vivindo con el toda clase de aventuras. Así, por exemplo, no caso de estar xogando unha partida a “O Señor dos Aneis”, un xogador podería interpretar o papel dun pequeno hobbit encargado de levar a cabo unha misión necesaria para que o mesmísimo Frodo puidese concluír con éxito a súa misión. Sentado ó redor dunha mesa con outros compañeiros, ese xogador deberá interpretar o rol dese pequeno hobbit, imaxinando o mundo no que vive, a Terra Media, comportándose como o faría ese pequeno hobbit da Comarca. Ademais, ese hobbit deberá dialogar e cooperar cos seus compañeiros para levar a misión a bo fin. Polo tanto, temos sentadas as bases coas que podemos definir un xogo de rol: interpretación, comunicación, imaxinación e cooperación.

Nestas xornadas poderemos coñecer o rol como unha alternativa de lecer, e para elo ofreceranse seis temáticas de xogo. Non debe faltar nestas xornadas o primeiro xogo de rol que se comercializou, “Dungeons & Dragons” (1974, nos Estados Unidos), que se converteu na ambientación base dunha boa chea de novelas do xénero fantástico publicadas dende a súa aparición. Tamén poderemos xogar a “Conan”, baseado no famoso personaxe de Robert E. Howard, ou a “La llamada de

VIVE O ROL  
NO VERBUM



VERBUM  
Casa das Palabras



Cthulhu”, xogo ambientado no mundo de terror de H.P. Lovecraft. “Star Wars”, ambientado na coñecida saga cinematográfica, permitiranos viaxar en naves da República ou alcanzar o grado de Caballero Jedi. E se o que nos gusta é un contexto histórico, “Aquellarre” levaranos ó medioevo do noso país, eso si, sen esquecer as lendas que enriquecen a cultura popular. E por último, “Anima”, un xogo de recente creación que propón un mundo de fantasía que combina o místico co realista e que é a proposta destas xornadas como xogo representativo daqueles que permiten ós seus xogadores ir creando e moldeando eles mesmos o mundo no que xogan. O fin de festa, a partida de rol en vivo, constitúe unha experiencia do rol no seu estado máis puro, no que os xogadores non se limitarán a interpretar un personaxe, senón que lle darán vida, movemento, e polo tanto a imaxinación converterase en acción.

En resume, os Ciclos de Xogos de Rol no Verbum ademais de supoñer un punto de inflexión na concepción do rol, ofrécenos unha alternativa de lecer moi atractiva coa que poder pasar un bo rato cos amigos.

RAMÓN FILGUEIRA. MAZINGER, S.L.

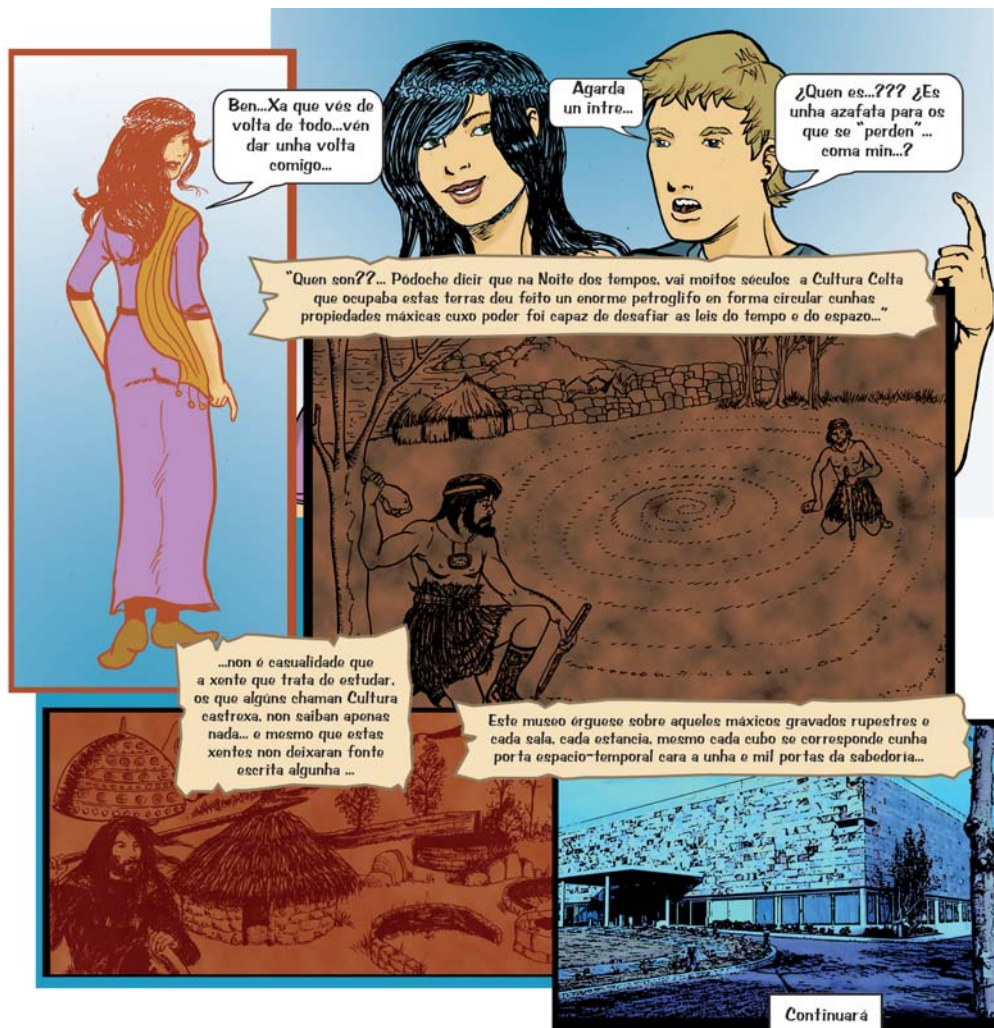
# COLLABORARE

CÓMIC. JUAN ENSEÑAT



# COLLABORARE

CÓMIC. JUAN ENSEÑAT



# COLLABORARE

## ENTREVISTA A ÁNGEL LLANOS, FOTÓGRAFO VIGUÉS

O Sr. Llanos, fotógrafo vigués miúdo pero de mente áxil e constitución férrea pese a que vén de cumprir 92 anos nos recibe na súa casa do barrio (“cidade” como lle gusta dicir a él) vigués de Coia.

Antes de empezar a entrevista, amósanos, orgulloso, como corresponde nestes casos, o diploma que a Federación da Prensa de España e no seu nome o Presidente lle conceden co título de “Asociado de Honor en recoñecemento ao seu dilatado labor profesional en Vigo”. Asínoa Jesús de la Serna o 4 de novembro de 1994.

Tamén destaca unha fotografía dedicada polo seu Xeneral Aranda: “A Ángel Llanos, fotógrafo de mi cuartel general y buen soldado”. En Castellón, a 7.10.38

Entre outras moitas condecoracións, medallas,... quedámonos cos agasallos dos grandes amigos: asociación de prensa, artigos dedicados por xornalistas e amigos seus, poemas, un álbum de “cousas súas” dedicado polo exército e un longo etcétera.

¿E que dicir das súas fotografías nas que puña e pon todo o seu “ollo clínico profesional”, experiencia, arte e amor? Grandes e fermosas son as súas fotos paisaxísticas de Vigo: a Guía, o Berbés, o Arenal (cando era tal polo 1900 coas súas fábricas de conservas e salazón) e arredores desde o século XIX en branco e negro; unha colección de fotos de tranvías (daquela cando era o medio de locomoción vigués); outra de pesca (arribando os barcos a porto, descargando peixe, volvendo a faenar a altamar, as redeiras arranxando as redes...) e como non, outro episodio importante na súa vida: a súa época como militar, sempre en primeira fila do fronte arriscando a súa vida por captar a mellor fotografía que reflectira ese instante: un bombardeo, os tanques, pobos arrasados, soldados moribundos,... O Arquivo Llanos está composto pola “historia vista” a través deste home que soubo captar o mellor de cada momento desde o aire, mar e terra.

Isto é o que nos ten que contar:

**VERBUM:** O seu arquivo persoal e familiar comprende material fotográfico dun valor incalculable da cidade olívica e arredores desde antes do SXIX ata case os nosos días

(1980). É un legado importantísimo do que todos os vigueses nos sentimos moi agradecidos e do que a familia Llanos se ten que sentir moi orgullosa. ¿Como nace esta vocación familiar pola fotografía?

**ÁNGEL LLANOS:** En 1883 vino mi abuelo. Montó en Vigo varias cosas, entre ellas la fotografía. Fue pintor, escenógrafo, afición que heredó su hijo Francisco Llanos, mi padre. Empezó a estudiar y a fotografiar. Empezó barriendo. Mi padre me inició en el arte de la fotografía.

**V:** O arquivo consta de 135.000 imaxes en negativos fotográficos con soporte plástico; negativos fotográficos sobre placas de vidro, soporte papel (300 positivos) e variado material fotográfico: ampliadoras, tiradoras, focos... ¿Que valoración podemos facer a día de hoxe? ¿Hai que consideralo material en desuso, para coleccionistas ou aínda se poden seguir empregando para determinadas reportaxes?

**Á. Ll.:** Muchos tienen uso. Por ejemplo la máquina de taller (1900) está en uso y es de 24x30; también existe en tamaños pequeños de galería y otras de muchos tamaños; algunas incluso por no usarlas se autodestruyen, pero desde luego tienen un gran valor de colección. Incluso flashes y cargadores. Hay cosas pequeñas que están en cajas y son colecciones.

**V:** Tendo en conta todos os avances tecnolóxicos e informáticos que salpican a nosa vida cotiá, ¿cre que a era dixital coas súas cámaras, telefonía móbil con cámaras incorporadas se está a impoñer ou acabará facéndoo á era analóxica?

**Á. Ll.:** Se impone la era digital por una causa: es menos trabajo. Nosotros veníamos y no comíamos a veces ya que tenía que hacer una información y salir corriendo a llevarla. Comía a veces a las 4 o incluso a las 6 de la tarde. Dependía de dónde fuera la información: Coruña... Tengo 2 ó 3 cámaras con carrito para utilizarlas en cualquier ocasión. También tengo una cámara digital muy buena.

**V:** ¿En que medida cre que a fotografía é un medio de comunicación? ¿Impacta máis, transmite máis unha fotografía ou un titular de xornal? ¿Podemos afirmar que “unha imaxe vale máis que mil palabras”?

# COLLABORARE

## ENTREVISTA A ÁNGEL LLANOS, FOTÓGRAFO VIGUÉS

**Á. Ll.:** La fotografía es un medio de comunicación. Es la imagen de una época de aquel momento. Y el que viene detrás un estímulo para poderlo conocer. Pero lo entienden más que nada. Impacta más la fotografía porque refleja el hecho. La foto “es la parada de la vida”. Impactan las imágenes de los móviles y no hace falta ilustrarla. Soy de la idea de que una imagen vale más que mil palabras. El titular se olvida, la foto se queda, penetra. Como dije, “es la parada de la vida”. Si uno quiere recordar aquello, tiene que ver aquello.

**V:** ¿Que relación mantén actualmente co arquivo Pacheco? Ambos abriron como estudio fotográfico en Vigo. ¿Nos seus comezos traballaron man a man por dotar a Vigo dunha colección fotográfica ou houbo “competencia profesional polo sector”?

**Á. Ll.:** Eran amigos de la época. Teníamos una buena amistad. Horacio (el sobrino de Pacheco, ya fallecido) salía con mis padres. Pacheco, un día que nos echaron de Policarpo Sáenz (Banco de España), y ahora del Ayuntamiento, en ese espacio de tiempo me cedió su galería (él vivía allí) para poder hacer yo trabajos industriales. Como anecdota le puedo contar que cuando trabajaba para todas las agencias de publicidad, cine (diapositivas incluso), tenía la costumbre de, con los brazos tras la espalda, coger la pera entre las manos. La pera al apretarla suelta el aire y el obturador se regula (más o menos deprisa). Utilizaba esta técnica; así la gente no se enteraba en qué momento justo hacía la foto.

**V:** Ten ás súas costas un extenso, prolífico e moi variado currículo: militar, fotógrafo no gabinete do Xeneral Aranda, traballou para o Estado Maior, retratista do rei Alfonso XIII, numerosas colaboracións con xornais, ¿con que etapa se queda?

**Á. Ll.:** No me quedo con ninguna. Todas fueron de mucho trabajo y exposición. En mi época de militar tenía un caballo, un escolta y 15 hombres a mi cargo y aparte de eso un coche. Tengo fotos con mi General, con el Generalísimo, con Davila, con Jefes de Estado Mayor, de bombardeos, tanques donde (mírelo Vd. misma) quedaba la gente muerta.

He llegado a andar más de 50 kms. seguidos sin comer, no en un día, sino en varios de la época de la Guerra Civil. Me

hirieron por primera vez a los ocho días de salir de Coruña, en el Escamplero, la recuperación de Asturias.

En la guerra, me pegaron un tiro en la cabeza y otro en la espalda. Incluso tuve una infección y llegué a tener gangrena. Venían a hacerme la cura cinco hombres: cuatro me cogían cada una de las extremidades y me las ataban con cuerdas a la silla y el quinto me hacía la cura: con unas pinzas me arrancaba la piel y luego, en las heridas, me metía algodón impregnado en yodo.

**V:** ¿Nunca lle tremou o pulso ao ter que retratar a algún alto cargo da época?

**Á. Ll.:** Ahora sí porque ya soy viejo. Tengo muchos años. Pero jamás me ha temblado, incluso he estado en el aire, me han hecho “cabritadas”, pero jamás. Yo tenía que tirarme desde un avión a 3000 m sobre los objetivos e iba haciendo fotos para las cuadrillas de artillería, aviación y el Generalísimo. No he tenido nunca vértigos ni mareos. Iba encima de un barco con un tablón de 20 cms. de ancho y hacía la fotografía. La gente incluso gritaba. Ahora ya no podría. Yo tuve una capacidad de respiración enorme y me sumergía varios metros bajo el agua. En una ocasión se tiraron a por mí porque había mucho oleaje, pero yo no me sujeté a nadie. Es preferible que te cojan.

Estoy muy, muy orgulloso de mi historia. Pero nadie, ni a la familia ni a los políticos les interesa.

**V:** Estamos desexando que estea entre nós. ¿Para cando unha exposición no Verbum?

**Á. Ll.:** Para cuando quieran Vdes. Podría ser una exposición de tranvías (50-60 fotos), una sobre pesca (tengo más de 200) que podría preparar rápidamente. También tengo una serie sobre Coia. Yo podría cederlas, siempre que lleguemos a un acuerdo económico, para que los pocos años que me quedan por vivir los pueda vivir bien y ayudar a los míos.

RAQUEL NORIEGA RODRÍGUEZ

# COLLABORARE

## VIGO: DISTRITO CULTURAL

A cidade de Vigo é recoñecida por propios e estraños en moitas das súas facetas; a importancia do seu porto, a sonda da súa marcha nocturna ou a beleza e comodidade das súas praias son algunhas delas. Unha cidade aberta e dinámica cun ritmo frenético marcado polas industrias nas que se sustenta.

Sen embargo unha das caras menos valoradas e coñecidas de Vigo é a súa oferta cultural. Nesta sección faremos un percorrido por diferentes facetas culturais da cidade, o seu legado artístico e arquitectónico, a programación de teatro e de danza e a súa oferta musical entre outras. Abrimos como non podía ser doutra forma co artigo dedicado aos museos e salas de exposición.

Vigo conta cunha importante rede de museos, salas e coleccións que se ve completada polas programacións de exposicións temporais por parte de fundacións, galerías e outras institucións.

Para os amantes da arte galega máis clásica na cidade podemos ver a que durante moito tempo foi considerada a mellor colección de pintura contemporánea galega, a colección do Museo Municipal Quiñones de León. O museo ten sede nun pazo do S.XVIII e alberga unha importante sección arqueolóxica con restos dende o Paleolítico ata a Idade Media prestando especial atención ás laudas sepulcrais de época romana. As persoas interesadas na evolución da cidade teñen, na súa recentemente creada sección de historia, documentos e obxectos que os guiarán por diferentes momentos do

transcorrer da cidade. Sen embargo especial mención merece a pinacoteca con obras que abarcan a arte galega dende o S.XVI ata os nosos días. Autores da categoría de Avendaño, Díaz Pardo, Lloréns, Sotomaior, Sobrino, Castelao, Maside, Colmeiro, Laxeiro, ou Seoane axúdannos a comprender a tradición pictórica galega e as vangardas históricas mentres que coas obras de Quesada, Menchu Lamas, Dim Matamoro ou Patiño entre outros podemos admirar as vangardas actuais.

Para os amantes da plástica de vangarda a cidade conta cun dos principais centros de arte contemporánea do país, o MARCO, un centro que está a producir exposicións de primeira

orde e a recibir grandes loanzas por parte da crítica especializada e dos expertos en arte e polo que están a pasar os principais comisarios e artistas do panorama internacional.

Non entraremos neste artigo a falar das actividades e contidos da Casa das Palabras que están ben representadas noutras seccións deste Revistum pero temos que dicir que o centro veu a suplir un bacio na

cidade, o dos museos didácticos.

Cabe destacar a inminente reapertura do Museo do Mar, outro deses espazos museísticos da cidade no que se conxuga a forza da paisaxe coa beleza da arquitectura, definitivamente tutelado dende a Consellería de Cultura esta vez compaxinando as exposicións temporais coa nova colección permanente dedicada ao Mar.

Na cidade atopamos tamén grandes coleccións de arte



# COLLABORARE

## VIGO: DISTRITO CULTURAL

popular e artesanía con centros coma o Centro de Artesanía Tradicional ou o Museo Liste, dous lugares nos que podemos coñecer mellor as artes e oficios tradicionais.



Todos estes museos ven completada a súa oferta coa das salas de exposición. Nese sentido cabe destacar a programación de Casa das Artes e Casa Galega da Cultura, sedes ambas de importantes coleccións. Na primeira podemos gozar da obra do universal Laxeiro e de Luís Torras, na segunda veremos a colección de Francisco Fernández del Riego, tres coleccións que complementan de maneira singular ao do Museo Quiñones de León dando unha visión íntegra dos diferentes movementos artísticos da Galicia do S.XX. Esta oferta permanente incrementase co gran número de exposicións temporais que se programan tanto nas salas municipais coma nas salas privadas e de fundacións. Así na Casa das Artes podemos gozar sempre de importantes exposicións de arte e na Casa Galega da Cultura de exposicións de carácter máis social. O mesmo sucede nas novas salas da Fundación Caixanova e da Fundación Barrié de la Maza que xunto coa programación de Caixa Galicia permiten aos vigueses e viguesas estar sempre ao día sobre o que sucede no panorama das artes plásticas.

A toda esta oferta temos que sumar o labor que pola arte están a facer as nosas galerías e anticuarios. Durante anos a cidade consolidouse coma un referente para o mercado da arte e tanto Vigo coma Oporto están nas miras dos coleccionistas que se moven polo Eixo Atlántico peninsular. Todo isto danos unha idea da magnitude que a cultura está tomando na nosa cidade. Ós vigueses gústalles saír e aproveitar estas actividades e, como podemos ver, non hai escusas para que non sexa así dado que contamos con importantes infraestruturas para albergar todo tipo de eventos e exposicións e grandes organizacións que nos ofrecen unha programación coidada, múltiple e diversa, para tódolos gustos e petos. So hai que estar un pouco atento e ter claro qué é o que queremos ver porque ben seguro que se está a dar na cidade.

ISMAEL ARIAS MELÓN



## O LABIRINTO DE BAMBÚ

desconfía  
do labirinto de bambú

hoxe cana lanzal      mañá barrote  
da súa multitude de espeques

Catálogo de Velenos, 1999  
MARILAR ALEIXANDRE



Concello de Vigo

**VERBUM**  
Casa das Palabras